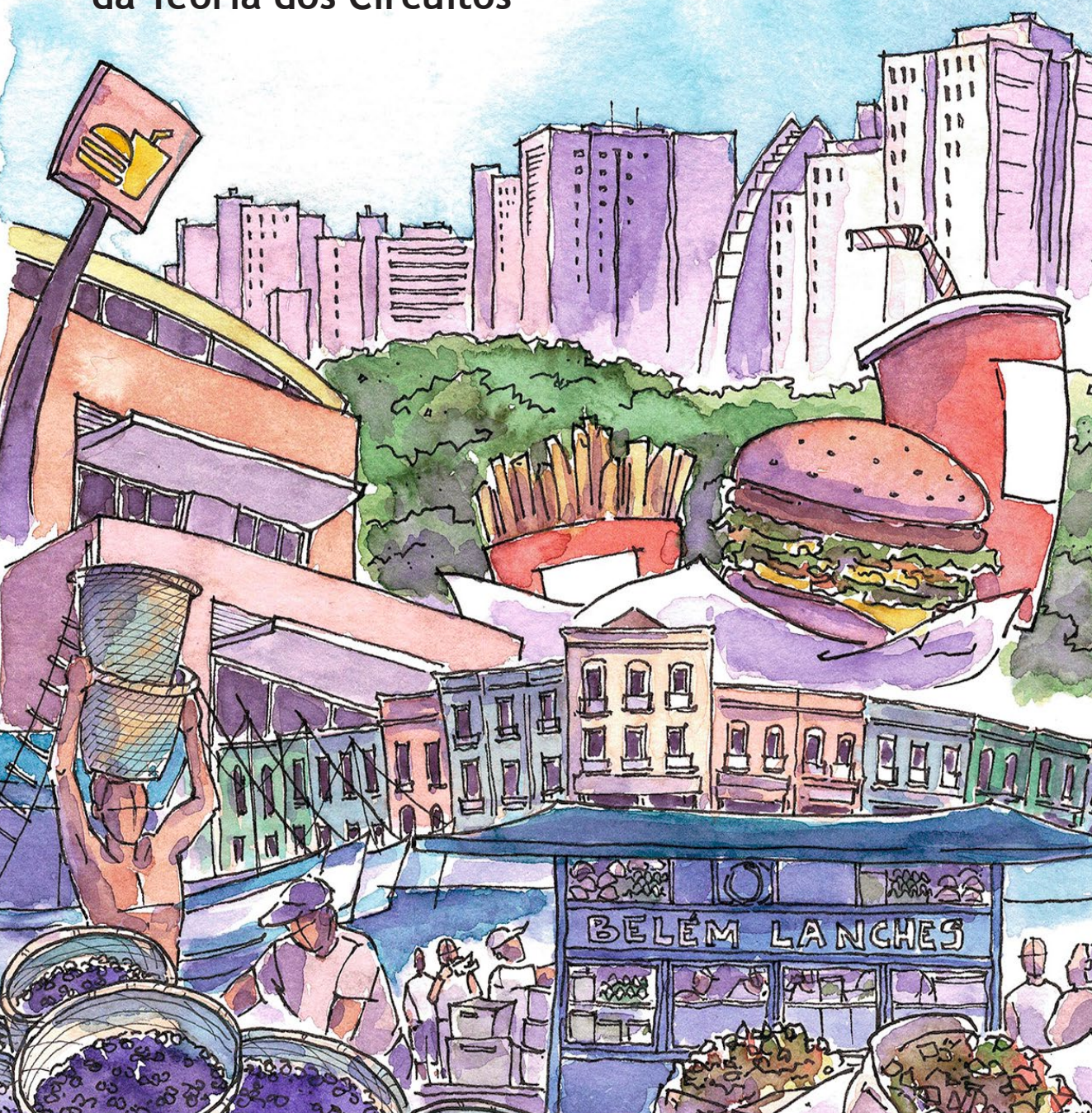


capa

Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior
Gabriel Carvalho da Silva Leite

Metrópole e economia urbana na Amazônia

Olhando Belém na perspectiva
da Teoria dos Circuitos



Gabriel Carvalho da Silva Leite

é geógrafo, mestrando em Planejamento do Desenvolvimento do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSU), Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), da Universidade Federal do Pará (UFPA).

gabrielcarvalhoite16@gmail.com

Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior

é geógrafo, bacharel em Direito, professor titular do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA) e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

stclair@ufpa.br

RESUMO

Com base na teoria dos circuitos da economia urbana de Milton Santos, o artigo visualiza na realidade metropolitana de Belém os três circuitos propostos pelo autor. Nesse sentido, recorreu-se a uma exaustiva pesquisa bibliográfica que considerou a seleção qualitativa de teses e dissertações, fruto de estudos sobre o tema e a realidade empírica em foco, inventariadas no âmbito da produção acadêmica brasileira. Tal esforço permitiu reconhecer, por meio de dados secundários sistematizados por aquelas pesquisas, elementos e particularidades dos três circuitos presentes na estrutura urbana belenense. Finalmente, ressaltam-se as respectivas importâncias e espacialidades dos três circuitos como produto, condição e meio para a dinâmica urbana e a configuração metropolitana atual.

Palavras-chave: Teoria dos circuitos; Economia urbana; Milton Santos; Espaço metropolitano; Belém.

SUMMARY

Based on Milton Santos' theory of the circuits of urban economy, the article visualizes in the metropolitan reality of Belém the three circuits proposed by the author. In this sense, it undertook an in-depth literature review that considered a qualitative selection of theses and dissertations, stemming from studies about the theme and the empirical reality in focus and that was inventoried within of the Brazilian academic production. This effort enabled the recognition of elements and peculiarities of existent circuits in Belem's urban structure, based on systematized secondary data from those studies reviewed. Finally, the article shows the importance and the spatiality of the three circuits as product, condition and means for the configuration of the current metropolitan dynamics.

Keywords: Belem; Circuits' theory; Metropolitan area; Milton Santos; Urban economy.

INTRODUÇÃO

Na década de 1990 os jornais de Belém divulgavam a tentativa de instalação de lojas da rede McDonald's na cidade. As notícias falavam de pesquisas voltadas para sondar a possibilidade de aceitação do produto oferecido por essa empresa e indicavam a pouca abertura a esse mercado de *fast food* em razão da forte presença de uma cultura alimentar popular que servia como espécie de barreira à instalação das lojas daquela famosa multinacional.

Entre os produtos que compunham essa barreira estava o “cachorro quente” local – com recheio de “picadinho” (carne moída) – vendido nas ruas da cidade por agentes do setor dito informal. Logo depois, mesmo sem a presença das lojas da multinacional no espaço metropolitano belenense, tornou-se comum a propaganda na televisão dos produtos da empresa, como a sinalizar para a população belenense da necessidade de mudanças em seus valores culturais gastronômicos; publicidade essa que foi seguida da chegada definitiva das lojas da McDonald's em Belém, inicialmente nos *shoppings* e, depois, em outros pontos da cidade.

Algumas questões podem ser apreendidas desse episódio: a tensão entre dois circuitos da economia urbana, o superior e o inferior (SANTOS, [1979] 2008),¹ com perfis e interesses bastante diferenciados; o confronto entre uma ordem global e uma miríade de ordens locais (SANTOS, [1996] 2014), que se enfrentam, justapõem-se, redefinem-se e reajustam-se no espaço; os novos valores difundidos no plano da psicosfera e por meio dos sistemas técnicos que lhes dão suporte, situados no plano da tecnosfera² (SANTOS, [1996] 2014); a espacialidade desses

1 Para Santos ([1979] 2008), o circuito inferior está associado às formas de reprodução social mais tradicionais, incluindo-se aí as necessidades básicas e de sobrevivência econômica desenvolvidas pelas populações pobres, como o pequeno comércio e os serviços de artesanato, alimentos, transporte e lazer. O circuito superior, por sua vez, associa-se principalmente às atividades diretamente decorrentes da modernização da economia. Dada a essa essência moderna, promove um volume de negócios de maior porte que mobiliza esquemas mais corporativos de reprodução econômica, assim como tecnologias mais avançadas e maiores volumes de capital. Na intermediação entre ambos está o circuito superior marginal (Santos, 1994), integrante do circuito superior, mas dele distinto pelos menores níveis de capital, tecnologia e organização. Como subsistema híbrido, é portador de características de ambos os circuitos (Bicudo Jr., 2006), pois ao mesmo tempo em que tenta responder aos imperativos de modernização, não pode se desvencilhar das demandas locais e regionais que o ensejam.

2 Para Santos ([1996] 2014), a complexidade das práticas sociais reproduzidas no espaço se dá por meio de sistemas de objetos, que se situam no plano da tecnosfera, e sistemas de

circuitos no interior do espaço metropolitano, acompanhando, em grande medida, as diferenças sociais, econômicas e culturais que nele se fazem presentes.

Resultado da história espacial seletiva das modernizações capitalistas e das profundas desigualdades sociais e geográficas que caracterizam a organização do espaço nos países subdesenvolvidos, a segmentação das economias urbanas em circuitos (SANTOS, [1979] 2008), conforme ocorre em Belém, responde a um duplo imperativo: por um lado, o da adaptação do aparelho econômico às modernizações e às novas modalidades de consumo produtivo e consumptivo delas resultantes; por outro lado, a necessidade de também responder às demandas, tradicionais ou não, que se encontram total ou parcialmente marginalizadas relativamente à emergente economia moderna.

O primeiro imperativo – que bem poderia ser chamado de imperativo da modernização capitalista – é responsável direto pela existência, manutenção e dinamismo do circuito superior, animado por formas de fabricação, circulação, distribuição e consumo detentoras de elevados graus de tecnologia, capital e organização e mantenedoras de relações privilegiadas com escalas extrarregionais, nacionais e internacionais (SANTOS, [1979] 2008). Por seu turno, o circuito inferior congrega atividades de baixos níveis tecnológicos, organizacionais e de capitalização, cujas relações privilegiadas são mais fortemente enraizadas no próprio lugar e na região.

Tendo em vista tais pressupostos, a presente discussão,³ além de pautar a problemática de análise na teoria miltoniana dos circuitos da economia urbana (SANTOS, [1979] 2008, 1994), busca situá-los espacialmente na realidade metropolitana de Belém. Para isso, utiliza-se de pesquisa bibliográfica,⁴ por meio da qual visualizam-se empiricamente elemen-

tos da economia urbana dessa metrópole amazônica; elementos esses que, quando reunidos e correlacionados, permitem associar a sua dinâmica urbana às características dos três circuitos mencionados.

A ESTRUTURA METROPOLITANA DE BELÉM

São os espaços metropolitanos aqueles nos quais o entrecruzamento das diferentes divisões territoriais do trabalho é mais particularmente intenso. Conforme aponta Arroyo (2008), as metrópoles são lugares historicamente privilegiados na hierarquia urbana nacional, capazes de exercer forças de atração para fluxos de toda ordem. Abrigam, assim, circuitos da economia associados a uma multiplicidade de circuitos espaciais produtivos, consagrando-se como verdadeiras filigranas de divisões territoriais do trabalho (SILVEIRA, 2017).

Mais que outros pontos do território, as metrópoles acolhem as variáveis do período técnico-científico informacional⁵ (SANTOS [1996] 2014), ao mesmo tempo que guardam elementos da materialidade pretérita. Servem, assim, de suporte às divisões do trabalho ligadas à mais moderna economia global e, também, abrigam outras, vinculadas à sociodiversidade da economia pobre, dinamizando-se segundo o ritmo do mundo e, contraditoriamente, convivendo com temporalidades alternativas, assentadas em culturas locais.

Dessa forma, são as metrópoles, talvez, os mais adequados espaços à análise da constituição e da composição atual dos circuitos da economia urbana. Nelas o circuito superior expressa mais plenamente os novos conteúdos advindos das modernizações tecnológicas e organizacionais recentes, contemporâneas ao período da globalização; nelas também o circuito inferior exibe uma vitalidade renovada, alimentada pela constante produção de escassez, permitindo, igualmente, falar em novos conteúdos da pobreza urbana.

O reconhecimento da segmentação metropolitana impede que vejamos as metrópoles apenas como suportes para a ação de agentes hegemônicos globais ou como palcos exclusivos de uma única divisão territorial do trabalho, produzida a partir de cima (SAN-

ações, que inclui o plano dos comportamentos, a psicosfera. Segundo o mesmo autor, a tecnosfera diz respeito à materialidade técnica do território, crescentemente caracterizada por conteúdos científicos e informacionais, ao passo que a psicosfera refere-se ao domínio dos valores, das paixões, das ideias e dos gostos, fornecendo os comportamentos adequados àquela primeira.

³ Este trabalho resulta de pesquisas financiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), uma entidade do governo brasileiro voltada ao desenvolvimento científico e tecnológico e integrantes do projeto intitulado “Um olhar geográfico em perspectiva: a Amazônia na abordagem do espaço como instância social”, coordenado pelo primeiro autor do artigo.

⁴ Para esta sistematização foi considerado um conjunto de trabalhos selecionados a partir de um universo maior de teses e dissertações inventariadas no âmbito da produção acadêmica brasileira e que, inspiradas no pensamento de Milton Santos, têm contribuído para a construção de uma leitura interpretativa do espaço amazônico.

⁵ Santos ([1996] 2014) propôs que o meio geográfico contemporâneo, expressão espacial do processo de globalização, pode ser qualificado como técnico-científico informacional, uma vez que sua composição guarda significativos conteúdos de elaboração técnica, produção científica e comandos informacionais.

TOS, [1996] 2014). De fato, com base no autor, no plano do território usado, a metrópole revela-se como espaço de todos os agentes e acontecimentos, produto da superposição de divisões sociais e territoriais do trabalho diversas, cujos alcances vão desde o mundo inteiro até as escalas microlocais, passando por diversos níveis – locais, regionais e nacionais – intermediários.

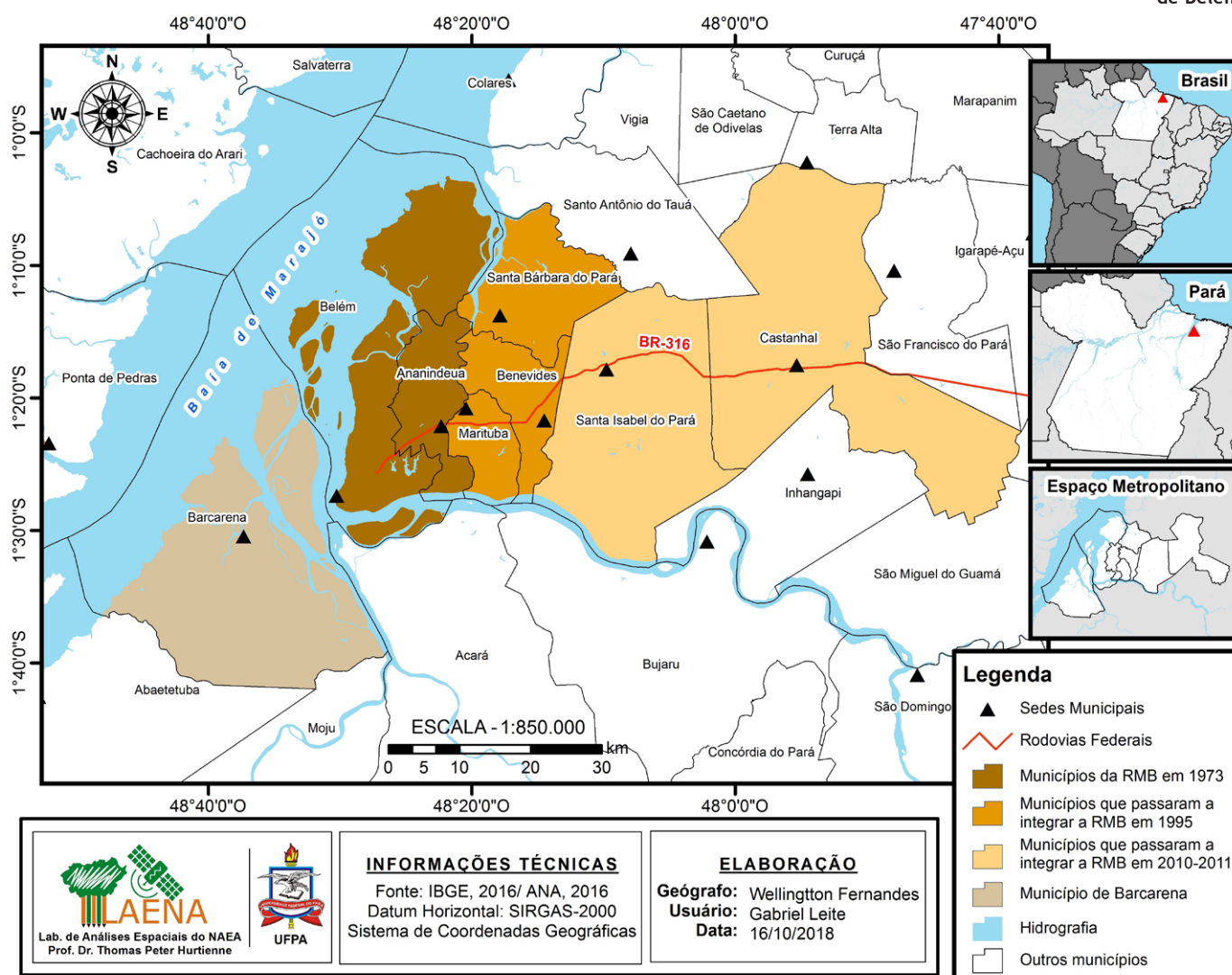
Cada uma das divisões sociais e territoriais do trabalho que têm lugar na metrópole insere-se, em maior ou menor grau, no circuito inferior da economia urbana ou no circuito superior, incluindo sua porção marginal. Enquanto o primeiro tende a se basear em divisões territoriais do trabalho locais – por vezes completando todo o circuito espacial produtivo em um mesmo bairro, por exemplo –, o segundo frequentemente ultrapassa os limites metropolitanos mediante divisões do trabalho que delineiam amplos circuitos espaciais produtivos, alcançando as escalas nacionais e internacionais.

Na metrópole belenense, os vetores de mo-

dernização mais recentes, dentre eles a atividade exportadora de minérios e produtos regionais, a expansão do capital imobiliário, a promoção do turismo, bem como as iniciativas de requalificação urbana, especialmente na orla fluvial e no centro histórico da cidade (MONTENEGRO, 2012b), coexistem com a metropolização da pobreza que tem acompanhado a formação metropolitana de Belém (TRINDADE JR., 2016).

Como região de grandes fluxos que alcançam o entorno imediato e cuja riqueza circulante não necessariamente se incorpora nos fixos metropolitanos, a configuração da aglomeração urbana de Belém passa a refletir, em grande parte, essa condição de espaço que se moderniza, mas com inserção pontual e excludente da riqueza incorporada. Tal diversidade de formas e processos deve indicar, também, a diversidade do meio construído metropolitano, uma vez que o território usado inclui tanto a ação humana quanto a materialidade que é, simultaneamente, seu produto e sua condição (SANTOS; SILVEIRA, [2001] 2012).

Mapa 1:
Espaço
Metropolitano
de Belém



De fato, a busca pela adaptação às exigências de fluidez da economia moderna por meio da readequação do meio construído atinge somente uma pequena porção do espaço metropolitano, ao passo que todo o restante apresenta grande variação quanto à modernidade das infraestruturas colocadas à disposição dos agentes sociais. À diversidade físico-territorial do meio construído associa-se, assim, a sociodiversidade dos agentes que, dessa maneira, encontram o seu lugar na economia metropolitana.

Na análise dos circuitos da economia em um espaço metropolitano é imprescindível levar em conta a materialidade e a organização territoriais, quer dizer, a estrutura da metrópole sobre a qual se projetam os subsistemas urbanos. No caso belenense, chamam atenção os aspectos da segregação socioespacial, demarcada, em grande medida, pela centralidade no espaço urbano de classes de mais alto poder aquisitivo, em contraponto a uma suburbanização da pobreza cada vez mais expressiva; ainda que se possa verificar pontualmente uma tendência de dispersão geográfica de uma população mais solvente para os novos espaços de expansão.

Reconhece-se, assim, um tecido conurbado que integra o município de Belém e aqueles que lhes são mais próximos (Ananindeua, Marituba e Benevides), diretamente conectados pela via rodoviária, mas também descontínuo nas porções onde a dinâmica da metropolização é mais recente (municípios de Santa Izabel, Santa Bárbara e Castanhal), todos oficialmente integrantes da Região Metropolitana de Belém (RMB); ou que têm ainda no elemento hídrico, como é o caso de Barcarena, um fator que dificulta uma conexão mais rápida e que, talvez por isso, não se incluam oficialmente na estrutura metropolitana (Mapa 1).

De qualquer forma, há uma tendência de metropolização mais ampla, mais segmentada e mais difusa que é caracterizada por sua complexidade, fragmentação, descontinuidade e espraiamento. Trata-se não exatamente de mancha urbana única, mas de unidade metropolitana, garantida pela intensidade de fluxos entre municípios relativamente próximos que conservam entre si certa coesão espacial.

Nessa nova tendência da metropolização, visualiza-se: a) a área central, definida pelo núcleo central da cidade de Belém (o centro histórico propriamente dito), pelas baixadas (espaços residuais da pobreza urbana próximos do centro, originalmente alagados ou sujeitos a alagamentos), e pelos bairros pericentrais (mais bem dotados de infraestrutura e com população de maior nível de renda); b) a área de transição, com a presença de espaços institucionais e residenciais de baixo e médio status; c) os vetores de expansão ur-

banas, um dentro do próprio município de Belém e dois outros em direção a municípios vizinhos, que não necessariamente integram a malha metropolitana oficial; e d) a porção insular, com usos e apropriações diversas ligados, em geral, à particularidade bucólica que a define.

Nessa estrutura metropolitana complexa se observam algumas tendências mais flagrantes de apropriação do espaço. A primeira delas é o recrudescimento das estratégias de reapropriação das áreas centrais, adentrando na área de transição, por classes de maior poder aquisitivo, seja para fins de moradia, seja para fins de lazer local voltado para atividades turísticas e serviços diversos, em prejuízo de classes populares que em alguns desses espaços definiram por muito tempo seus locais de moradia. A segunda tendência, referente ao mesmo tipo de apropriação do espaço, dá-se em outro extremo, nos novos vetores de expansão, onde se vê, pontualmente e gradativamente, a configuração de espaços seletos para classes médias e altas, em torno dos quais comércios e serviços mais modernos são também oferecidos.

Concomitante a isso tem-se uma terceira tendência de apropriação, decorrente da expansão urbano-imobiliária voltada para uma demanda não solvável, que se espacializa precariamente cada vez mais para longe do núcleo central, e mesmo para além de Belém e da Região Metropolitana oficial. Ela promove o surgimento de uma infinidade de atividades relacionadas a estratégias de sobrevivência, que acompanha a dispersão flagrante da pobreza urbana, cada vez mais presente nos novos vetores dispersos e difusos de expansão.

A porção insular configura a última tendência a ser considerada. Nela as formas de apropriação do espaço, para além dos usos rurais tradicionais, estão relacionadas ao consumo de um lazer mais ou menos programado – como se vê nos casos das ilhas de Combu e Cotijuba – que se soma aos usos destinados à moradia. Neste último caso, voltam-se ou para uma camada de mais alto status – a exemplo do empreendimento Alphaville, na ilha de Caratateua (Outeiro) –; ou para segunda residência, antes mais dirigida para estratos médios e altos da população e que agora começa a alcançar uma população menos solvente – caso da ilha de Mosqueiro –; ou, ainda, para fins de primeira moradia, produzida precariamente e espontaneamente por grupos sociais excluídos que não podem pagar para morar nas áreas centrais da metrópole, como se vê nas ilhas de Mosqueiro e Caratateua (Outeiro). Trata-se, portanto, conforme Quadro 1, de estrutura metropolitana complexa, onde se espacializam de forma diferenciada os três circuitos da economia urbana definidos por Santos

Quadro 1 - Belém: configuração metropolitana atual e os circuitos da economia

Estrutura	Subdivisões	Município(s)	Usos Principais	Adjetivações	Apropriações e tendências	Circuitos da economia
Área Central	Núcleo Central	Belém	Comércio, serviços e moradias (baixo/médio status social)	Centro Histórico	Intervenções/requalificações pontuais para fins de lazer e turismo	Predominância do circuito inferior, com seleta atuação do circuito superior nos espaços requalificados
	Baixadas	Belém	Moradias (baixo status social)	Periferia imediata	Permanência e resistência de populações de baixo poder aquisitivo	
	Bairros Pericentrais	Belém	Serviços e moradias (médio/alto status social)	Belém verticalizada	Promoção imobiliária para classes médias/altas	Concentração do circuito superior, com presença intersticial do circuito inferior
Área de Transição	Espaços Institucionais	Belém	Serviços institucionais	“Cinturão institucional”	Reapropriações pontuais diversas	Predominância do circuito inferior, mas com significativa atuação do superior “puro” e “marginal”, conformando áreas de composição socioeconômica muito diversificada
	Espaços Residenciais	Belém	Moradias (baixo/médio status social)	“Cinturão institucional”	Reapropriações pontuais diversas	
Áreas de Expansão	Vetor 1 (Avenida Augusto Montenegro)	Belém	Comércio, serviços e moradias (status sociais diversos)	“Nova Belém”	Vetor de apropriação para expansão comercial, serviços e moradias direcionados agora para classes médias e altas	
	Vetor 2 (Rodovia BR-316)	Ananindeua, Marituba, Santa Bárbara do Pará, Benevides, Santa Izabel do Pará, Castanhal	Comércio, serviços e moradias (baixo/médio status social)	Periferia distante (municípios integrantes da RMB)	Novos espaços de expansão urbano-imobiliária com núcleos embrionários de comércios e serviços	
	Vetor 3 (Alça Viária)	Marituba, Barcarena, Acará	Usos diversos de natureza urbana e rural	Metrópole expandida (municípios integrantes ou não da RMB)	Novas e diversas formas de apropriação difusa e pontual do espaço	
Porção Insular	Ilhas Ribeirinhas Ilhas-Subúrbio Ilhas de Segunda Residência	Belém, Ananindeua, Benevides, Barcarena, Acará	Subúrbios de alto, médio e baixo status social, espaços de segunda residência, espaços turísticos e de lazer popular, espaços de usos rurais tradicionais	Belém insular (municípios integrantes ou não da RMB)	Apropriação material e simbólica da natureza por populações de alto e médio status para fins de moradia, turismo e lazer programado, combinada a formas de apropriação residual por classes populares para fins de moradia, trabalho e lazer	Predominância do circuito inferior, com recente introdução do superior marginal naquelas ilhas que passam a incorporar nexos de modernização

Elaboração: Saint-Clair Trindade Jr. e Gabriel Leite

([1979] 2014).

Essas formas de apropriação concorrem para a configuração de uma metrópole ampliada e descontínua com raio de alcance considerável, combinando atividades modernas e tradicionais que apoiam novos esquemas de reprodução do capital ou estratégias de sobrevivência de grupos sociais excluídos. À tendência de reapropriação das áreas centrais pelo capital comercial, imobiliário e financeiro, soma-se, portanto, a suburbanização da pobreza e a precarização da urbanização nos vetores recentes da expansão urbana, que se fazem acompanhar pontualmente de outros usos para além da moradia e de outras formas seletivas de apropriação do espaço. É nessa complexa estrutura que se faz possível visualizar nuances dos circuitos econômicos, que têm no espaço resultado condição e meio de suas existências.

OS CIRCUITOS DA ECONOMIA E A DINÂMICA METROPOLITANA

Como já apontado em outros estudos (TRINDADE JR., 2016; MONTENEGRO, 2012b), os processos conjugados de metropolização do espaço, expansão da malha urbana e aceleração do crescimento populacional, paralelamente à involução metropolitana decorrente da maior dispersão de investimentos públicos e privados no interior da Amazônia centro-oriental, contribuíram para o contínuo alargamento das dimensões da pobreza na metrópole belenense, desde a década de 1960. Essas dinâmicas estão na base da grande densidade e diversidade do circuito inferior em Belém, expressas até mesmo na sua maior dispersão pelo tecido urbano, se comparado a outras realidades metropolitanas brasileiras (MONTENEGRO, 2012b).

Não obstante, a presença quase ubíqua do circuito inferior nesse contexto metropolitano não significa que suas dinâmicas e articulações sejam as mesmas em toda sua extensão. Pelo contrário, a projeção sobre os diferentes setores da estrutura metropolitana implica a interação com meios construídos diversos e com conteúdos socioespaciais distintos. Nesse sentido, Santos ([1979] 2008) já sugeriu que, de acordo com sua localização na cidade e com seu comportamento, o circuito inferior pode ser classificado como central ou residencial.

É muito sintomática desse fenômeno a atuação do circuito inferior na área central, particularmente no seu centro histórico e nas baixadas que também a integram. No primeiro, os bairros antigos, detentores de formas espaciais frequentemente deterioradas, guardam, ainda, funções portuárias, comerciais, de

serviços e residenciais que são exercidas por agentes do circuito inferior, a despeito da introdução bastante seletiva dos nexos modernos representados pelos projetos de requalificação urbana. Outrossim, a concentração da pobreza e das atividades a ela associadas nas baixadas é uma tendência histórica que não foi revertida pela expansão da malha urbana e pela periferização das populações empobrecidas.

Ainda que fisicamente próximas dos equipamentos urbanos e dos serviços disponíveis na área central, particularmente nos bairros pericentrais, estas populações encontram-se socialmente distantes de tais fixos públicos e privados. Trata-se de uma “periferia dentro do polo”, se entendermos por periferia mais do que meramente a distância geométrica e, a essa noção, opusermos uma outra, a de periferia socioeconômica (SANTOS, [1979] 2007). Assim, estão postas as condições para a criação e manutenção de um denso circuito inferior central que conforma, para as massas urbanas empobrecidas do núcleo central e das baixadas, um mercado alternativo, fornecedor de ocupações e de renda.

Expressões muito representativas dos dinamismos do circuito inferior nesses setores da estrutura metropolitana belenense, os mercados populares e as feiras livres traduzem a importância social desse subsistema econômico para as populações de baixa renda dele dependentes (MEDEIROS, 2010). Contrastando com as solidariedades organizacionais⁶ que fundamentam as atividades das redes de comércio varejista, dos *shopping centers* e dos grandes armazéns e cadeias de supermercados na cidade, as feiras estabelecem para com o entorno relações comerciais, ocupacionais, simbólicas e culturais assentadas em solidariedades orgânicas que as tornam importantes espaços relacionais no contexto metropolitano.

Medeiros (2010) reconhece as feiras à beira-rio como aquelas que remontam aos momentos iniciais de crescimento da cidade e, especialmente, ao adensamento da ocupação popular nas baixadas de sua orla sul, às margens do rio Guamá. Nessa porção do espaço belenense, a presença de diversos trapiches e portos que serviam de pontos de articulação entre o continente e as ilhas do estuário amazônico associou-se ao surgimento de importantes feiras livres que seguem tendo no rio um elemento central de seus dinamismos.

⁶ As solidariedades orgânicas resultam de uma interdependência entre ações/agentes que emana da proximidade do lugar, enquanto as organizacionais são fatores de coesão determinados por arranjos impostos de lugares longínquos, descontínuos em relação àqueles sobre os quais incide sua regulação (Santos, [1996] 2014).

As feiras livres à beira-rio, bem como os portos aos quais se associam e os bairros populares nos quais estão localizadas, também ensinam a análise de Montenegro (2012b) acerca das articulações do circuito inferior belenense com circuitos espaciais de produção de alcance regional e da importância social por ele desempenhada nas dinâmicas intra/interurbanas e urbano-regionais dessa metrópole. A autora vê, assim, a potencialidade de reconhecer, a partir destes elementos tão característicos da Amazônia, verdadeiras feições regionais assumidas pelo circuito inferior em uma importante metrópole dessa região.

Elegendo três referenciais empíricos de pesquisa – o Complexo do Ver-o-Peso (bairro da Campina, no núcleo histórico), o Porto do Açaí (bairro do Jurunas, em área originalmente de baixada da orla fluvial sul) e o bairro do Guamá (também localizado em área inicialmente de baixada) –, Montenegro (2012b) assinala a grande importância do circuito inferior para as populações empobrecidas da cidade e mesmo para o entorno sub-regional que se articula à metrópole mediante uma grande variedade de circuitos espaciais de produção. No entanto, é preciso cuidado para não incorrer em uma análise imobilista do circuito inferior que, a título de explicitação de seus atributos fundamentais, ignore as metamorfoses decorrentes do contato com as variáveis-chave do período da globalização.

Nesse sentido, Montenegro (2012b) destaca como uma das principais manifestações dos nexos do processo de globalização no circuito inferior belenense o alargamento dos contextos por que passam alguns dos circuitos espaciais produtivos anteriormente mencionados, notadamente daqueles ligados ao artesanato marajoara, aos bombons de frutas regionais, à castanha e, principalmente, ao açaí. Em todos esses casos é crescente a terceirização da etapa produtiva aos pequenos negócios e aos pequenos produtores, ficando o circuito superior responsável pela distribuição e comercialização dos produtos. No caso do açaí, por exemplo, notam-se os oligopsônios, na medida em que grandes empresas passam a comprar, in loco, o fruto das ilhas produtoras. Trata-se, conforme aponta a autora, da inserção de mecanismos oligopolistas em atividades tradicionalmente vinculadas ao circuito inferior da economia.

Verifica-se, assim, que o circuito inferior central, importante pelo papel social exercido junto às populações do centro histórico e das baixadas, é também muito sujeito às interseções com o circuito superior e às metamorfoses daí decorrentes, favorecidas precisamente pela sua relativa proximidade à tecnosfera e à psicofera da área central da estrutura metropolitana. Em verdade, não apenas as ativida-

des tradicionalmente integrantes do circuito inferior belenense – como as feiras e mercados populares da cidade – renovam-se e atualizam-se pelo contato com as variáveis-chave da globalização, como também nichos inteiramente novos são produzidos a partir das possibilidades abertas pela difusão do meio técnico-científico informacional.

Nesse sentido, Tozi (2012) demonstra que, a despeito do menor número de domicílios com acesso à internet e das menores velocidades de conexão da mesma na Amazônia, ambos sintomáticos da seletividade da irradiação do meio técnico-científico informacional nessa região, as técnicas modernas têm também sido apropriadas a partir de usos locais e horizontalizados, engendrando economias urbanas muito próprias e originais, a exemplo do circuito espacial produtivo vinculado ao estilo musical regional do tecnobrega.

Distante das grandes gravadoras da indústria fonográfica nacional e carente do apoio de políticas públicas atentas às dinâmicas de base local, o circuito espacial produtivo do tecnobrega tem na pirataria adaptativa (TOZI, 2012), típica do circuito inferior, a base de seu processo produtivo. A partir de pequenos estúdios caseiros e profissionais, usualmente situados nas baixadas da área central de Belém, a produção musical tem início em um processo criativo *sui generis*, assentado na pulverização de tecnologias informacionais domiciliares (computadores e impressoras, por exemplo), mesmo em bairros cujos meios construídos apresentam-se, para tudo o mais, notavelmente deteriorados e desvalorizados. Deste início do processo produtivo, o circuito espacial do tecnobrega segue por múltiplos caminhos possíveis, subvertendo a cadeia de produção convencional da indústria fonográfica, incluindo desde a difusão das músicas via *internet* até a venda de CDs e DVDs pirateados em camelôs e vendedores ambulantes, passando pela importante divulgação efetuada nas festas de aparelhagens (TOZI, 2012).

Desse modo, se a etapa produtiva do circuito espacial do tecnobrega acontece predominantemente nas baixadas da Primeira Léngua Patrimonial de Belém, assim como é também o caso da localização da maioria das casas de festa que atende ao público desses lugares, as etapas de circulação, distribuição e consumo espalham-se pela estrutura metropolitana e para além dela, mediante o comércio informal e a *internet*, conformando um circuito espacial de produção de alcance predominantemente local e regional e que, mais recentemente, tem também estabelecido articulações nacionais.

Se o centro histórico e as baixadas detêm as maiores densidades de atuação do circuito inferior

na área central, os bairros pericentrais que contornam o centro histórico aglomeram atividades e agentes do circuito superior, favorecidos pela maior dotação de equipamentos urbanos e pela presença de uma demanda solvável representada pelas classes médias e altas (TRINDADE JR., 2018). Não à toa, como demonstra Silva (2011), foram os bairros pericentrais, como Nazaré e Umarizal, ambos constituintes desse cinturão de bairros verticalizados, os primeiros a receber as instalações de empresas nacionais e transnacionais de fast food muito representativas de nexos de modernização presentes em todas as principais metrópoles globais.

Os bairros pericentrais da área central metropolitana de Belém, detentores de maiores quantidade e qualidade dos equipamentos urbanos e habitados por populações mais abastadas, puderam oferecer às empresas de *fast food*, a exemplo da McDonald's, já mencionada, as condições gerais de (re)produção adequadas, sob a forma de uma tecnosfera que, uma vez tendo acolhido mais esta renovação, ampliou seu nível de modernização e de estandardização. No entanto, para além das transformações do sistema de objetos, Silva (2011) nota que também a psicosfera urbana não resta incólume, na medida em que hábitos e sociabilidades tradicionais – como os encontros e rodas de conversa em bares e lanchonetes antes existentes – perdem espaço frente às relações de caráter mais impessoal dos estabelecimentos de *fast food*.

A dispersão urbana da metrópole belenense, responsável pela ultrapassagem dos limites da Primeira Légua Patrimonial, foi caracterizada pela periferização da pobreza mediante a produção de novos espaços de assentamentos oficiais, dirigidos e “espontâneos” nas periferias distantes da Região Metropolitana de Belém (TRINDADE JR., 2016). Vinculado às classes populares assim instaladas em face da valorização do solo urbano nas áreas centrais, das remoções e remanejamentos das populações das antigas baixadas saneadas e das políticas habitacionais federais e estaduais que vigoraram desde o regime militar, o circuito inferior também se expandiu como produto e condição da metropolização da pobreza.

Não apenas o circuito inferior seguiu a dispersão urbana, mas também o circuito superior, incluindo a sua porção marginal. Fenômeno associado às relativas alterações das composições socioeconômicas de alguns dos conjuntos habitacionais periféricos e às estratégias competitivas entre diferentes frações do capital outrora concentradas na sobrevalorizada área central, a dispersão – ainda que seletiva – do circuito superior “puro” e “marginal” nas áreas de transição e de expansão conforma verdadeiras áreas de diversidade (SILVEIRA, 2011), caracterizadas pela coe-

xistência de formas de fabricação, distribuição e comercialização dotadas de níveis muito distintos de capitalização, tecnologia e organização.

Nesses setores da estrutura metropolitana, com composições socioeconômicas bem diversificadas, os supermercados, as lojas, as mercearias e as feiras coexistem nas principais vias de circulação, manifestando múltiplas formas de comércio varejista e de circulação de mercadorias atreladas aos circuitos superior e inferior da economia urbana. Associadas a este último, as feiras livres localizadas nas ruas e avenidas dos bairros das áreas de transição e expansão desempenham relevantes papéis na produção do espaço urbano. Nestas, é principalmente a rodovia, e não o rio, que assume a primazia na organização espacial, como na Feira do Entroncamento, vinculada mais diretamente à produção agrícola do Nordeste paraense, escoada pela BR-316, do que ao rio e às ilhas do entorno da cidade (MEDEIROS, 2010).

Outro fator de intensificação da diversidade socioespacial nas áreas de expansão metropolitana diz respeito ao fenômeno de suburbanização condominial que constitui um dos elementos atuais de dispersão do espaço metropolitano de Belém, embora, nesse caso, “não a partir da periferização das classes populares, mas sim da suburbanização das classes de alta e média renda” (VELOSO DOS SANTOS, 2017, p.107). De fato, nas últimas décadas, a expansão da fronteira urbano-imobiliária tem sido um dos principais vetores de modernização do território na metrópole belenense. Acompanhando a disposição espacial dos eixos viários intraurbanos e regionais, a atuação de capitais financeiros e de promoção imobiliária contribuiu fortemente para a redefinição de subcentralidades urbanas no âmbito da estrutura metropolitana de Belém.

Análise importante acerca desse fenômeno recente é feita por Mendes (2014), que faz um estudo da reestruturação socioespacial de uma importante via de expansão de Belém no contexto de definição de novas centralidades e subcentralidades urbanas. Trata-se da avenida Augusto Montenegro, surgida no lugar de antigo ramal da estrada de ferro Belém-Bragança, e que reflete diferentes momentos da produção do espaço urbano belenense.

Mendes (2014) focaliza, então, o período mais recente e contemporâneo da história espacial da avenida, iniciado a partir de finais da década de 1990, momento de construção dos primeiros condomínios fechados, e consolidado nos últimos anos da década de 2000, quando da intensificação da instalação de espaços elitizados de moradia e consumo ao longo da via. Para o estudo das implicações da valorização do solo urbano e das metamorfoses dos conteúdos

socioespaciais em um meio que abrigava importante população pobre, o autor analisa as mudanças nas composições relativas dos circuitos da economia na avenida, evidenciando o adensamento do circuito superior e a precariedade vivenciada pelas atividades de um circuito inferior que se apresenta tanto como residual quanto como emergente.

Para Mendes (2014) a presença de espaços elitizados de moradia – condomínios fechados horizontais e verticais – atua como condição de uma economia de aglomeração do circuito superior, composta por *shopping center*, supermercados, restaurantes, supercenters, faculdades, escolas, redes de *fast food*, bancos e outras atividades modernas e intensivas em capital. Desse nexo, entre circuito superior e uma massa populacional a ele vinculada, o autor retira elementos explicativos para o fato de que o subsetor da avenida cuja concentração de condomínios fechados é maior é também aquele de mais significativo número de empreendimentos comerciais do circuito superior, incluindo todos os bancos existentes na via e os empreendimentos imobiliários de alto padrão, cujas ligações físicas com o *shopping center* e o *supercenter* consagram o valor de troca como parâmetro da vida cotidiana.

O circuito inferior, por outro lado, resiste apoiado na persistência das camadas sociais que o produzem e dele dependem. Destacando principalmente a extensão compreendida entre os quilômetros nove e quinze da referida avenida, já sob influência direta do distrito de Icoaraci, Mendes (2014) nota a expressividade de um circuito inferior, sobretudo no comércio varejista, apto a atender às demandas dos conjuntos habitacionais populares ali localizados.

Outro estudo que corrobora a compreensão dos circuitos na estrutura metropolitana é oferecido por Andrade (2014). A gastronomia do açaí é o fenômeno socioespacial eleito pela autora para análise das coexistências entre o tradicional e o moderno e para a investigação acerca das mudanças e permanências da identidade socioespacial e cultural na Grande Belém, em tempos de globalização. A hipótese da qual parte é a de que a metropolização do espaço e o processo de globalização associam-se intimamente às metamorfoses da cultura alimentar do açaí na metrópole belenense, contribuindo para uma multiplicidade de situações que vai da forte manutenção das características do circuito inferior, em um extremo, à plena incorporação ao circuito superior, em outro extremo, com a presença de diversas situações intermediárias.

Para o estudo, Andrade (2014) selecionou nove pontos de venda de açaí, localizados em diferentes porções da estrutura metropolitana – dotadas, portanto, de conteúdos socioespaciais bem distintos –,

a fim de apreender os respectivos graus de incorporação aos circuitos da economia urbana e os matizes de tradição e modernidade apresentados por cada um. A comercialização e o consumo do açaí podem ser encontrados em todas as subdivisões da estrutura metropolitana, mas dentro dela ganham diversas expressões.

Na área central – como é o caso da Cidade Velha (núcleo central), de Batista Campos (bairro pericentral), do Jurunas e da Pedreira (bairros predominantemente populares e originários de baixadas) – a comercialização do fruto se apresenta sob formas distintas (ANDRADE, 2014). Neles, encontram-se desde pontos de venda plenamente inseridos no circuito inferior, como os estudados pela autora no Complexo do Ver-o-Peso e no Jurunas, até pontos mais inseridos no circuito superior, como o quiosque da franquía Açay, na Batista Campos, e o restaurante do Point do Açaí, na Cidade Velha, cuja proposta mais sofisticada de atendimento aos turistas e à população local de maior poder aquisitivo expressa uma nova forma de consumo.

Nos bairros de ocupação mais recente, por seu turno, correspondentes às áreas de transição e de expansão, a modernização do consumo do açaí se faz mais presente naqueles que possuem histórias mais antigas e caracterizadas pelo planejamento governamental. É o caso dos pontos de venda estudados na Marambaia (área de transição), na Cidade Nova e também no Parque Verde (bairros da área de expansão); este último associado às populações de maior poder aquisitivo que atualmente passam a residir no entorno da avenida Augusto Montenegro. Ademais, o ponto de venda localizado no Residencial Almir Gabriel, no município de Marituba (área de expansão), expressa muito bem a metropolização da pobreza e a mobilidade das populações empobrecidas na Grande Belém, mediante a transposição das condições precárias de trabalho e de vida aos novos espaços de moradia.

Por fim, é necessário mencionar que as ilhas dos municípios de Belém e Ananindeua também se encontram, em maior ou menor grau, inseridas nas dinâmicas contemporâneas de metropolização do espaço. No entanto, conforme demonstram alguns estudos recentes (FERREIRA, 2012; RODRIGUES, 2018), essa inserção guarda particularidades que a diferenciam daquela que tem lugar no continente. A relativa ausência de atuação direta do circuito superior “puro” nesse processo, em vez disso animado preferencialmente por agentes do circuito inferior e do superior marginal, é característica comum apontada pelos autores mencionados.

Em estudo sobre a produção do espaço turístico

na Área de Proteção Ambiental da Ilha do Combu (APA Combu), localizada no setor sul da porção insular do município de Belém, Rodrigues (2018) assinala que a atuação do circuito superior no território combuense é, sobretudo, indireta e acontece mediante a sua porção marginal, composta por agências de receptivo turístico, hotéis de pequeno e médio porte e agências franqueadas que, localizadas no continente, oferecem pacotes e roteiros àqueles turistas interessados em conhecer a ilha.

Confirmando a hibridez que caracteriza as ações dos agentes inseridos no circuito superior marginal (BICUDO JR., 2006), Rodrigues (2018) evidencia a atuação mediadora exercida por essas firmas de médio e pequeno porte entre as racionalidades instrumentais das franqueadoras, das grandes redes de hotéis e das agências e operadoras de viagens do circuito superior “puro” e as racionalidades comunicacionais dos comerciantes e trabalhadores de bares e restaurantes, dos produtores agroextrativistas, dos artesãos e, também, dos condutores de embarcações e de trilhas ecológicas integrantes do denso circuito inferior na ilha do Combu.

De alcance espacial mais limitado e restrito, posto que as atividades econômicas integrantes circunscrevem-se majoritariamente à própria ilha ou, quando muito, ao porto da praça Princesa Isabel, o circuito inferior combuense é o grande fornecedor de ocupações e de renda aos moradores. Conforme aponta a autora, são diversas as interseções entre esse circuito e o superior marginal para fins de atividade turística, sendo o primeiro primordialmente responsável pela prestação dos serviços de lazer e turismo, dentre os quais as trilhas ecológicas, os transportes em embarcações e o desfrute de bares e restaurantes. Esses agentes estão, assim, na ponta mais frágil de uma cadeia de relações que, em última instância, liga-os indiretamente a agências e operadoras turísticas maiores, que auferem os lucros mais volumosos.

Ademais, a importância e a predominância da atuação do circuito inferior nas ilhas da RMB podem ser constatadas mesmo naquelas que possuem um maior nível de conexão com o continente, como é o caso da ilha de Mosqueiro. Dispondo de uma ligação rodoviária que facilita os fluxos com o restante do espaço metropolitano, essa ilha também está inserida no processo de dispersão da metrópole belenense, embora guarde especificidades que muito o distinguem das transformações estudadas por Mendes (2014) na avenida Augusto Montenegro.

Nesse sentido, Ferreira (2012) revela que a dispersão urbana na ilha apresenta uma série de singularidades que obstaculizam nela a expansão do circuito

superior imobiliário-turístico, manifestas tanto na presença de um nicho do circuito inferior responsável pela comercialização das moradias – usualmente mediante a venda de imóveis de uso ocasional, intermediada por pequenos corretores imobiliários, para pessoas interessadas em moradia permanente –, pela conversão das residências secundárias em primárias pelos próprios proprietários ou mesmo pelas ocupações espontâneas realizadas por segmentos populacionais de baixa renda em sua luta pelo direito à moradia. Associados à falta de uma demanda turística transnacional, esses fatores ajudam a explicar a menor atuação do capital de incorporação na ilha, relativamente aos outros espaços da expansão urbana da RMB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os circuitos da economia urbana e o meio construído metropolitano são indissociáveis. Tratá-los conjuntamente, portanto, é uma necessidade de qualquer abordagem que pretenda interpretar o espaço como um conjunto solidário e contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações (SANTOS, [1996] 2014). Nesse sentido, se a estrutura metropolitana expressa a disposição espacial do sistema de objetos, os circuitos da economia representam uma parcela do sistema de ações que os dinamizam. A projeção dos circuitos sobre a estrutura metropolitana nos dá, portanto, o próprio processo de produção das formas-conteúdo urbanas.

Não se trata de processo unilateral no qual os circuitos apenas dinamizam um quadro material inerte que serve de palco à manifestação dos fenômenos. Em uma perspectiva que considere o espaço como instância da sociedade (SANTOS, [1978] 2012b), o condicionamento entre formas e conteúdos é sempre dialético. Assim, se a estrutura metropolitana aparece como cristalização provisória de práxis pretéritas, como conjunto de formas-conteúdo que atuam como fator ativo nas dinâmicas sociais atuais, os circuitos da economia são sistemas de ações presentes que, a partir dos condicionamentos oferecidos pela estrutura da metrópole, atualizam-na, dotam-na de novas funções e a fazem participar dos processos contemporâneos.

Olhando a metrópole belenense a partir dessas considerações teóricas, apontou-se a ampla dispersão do circuito inferior por toda a extensão da estrutura metropolitana, com presença de significativas concentrações no núcleo histórico, nas baixadas e nas suas áreas de expansão. O circuito superior, por seu

turno, detém uma importante nucleação nos bairros pericentrais, enquanto se apresenta muito pontual e seletivamente no centro histórico. Embora detentores de grande potencial destruturador, os projetos de requalificação urbana aí instalados não alteram substancialmente a composição socioeconômica das populações residentes (TRINDADE JR., 2018), o que ajuda a explicar a relativa permanência do circuito inferior e a seletividade espacial e temporal da atuação do circuito superior.

Ademais, dentre todos os setores, as áreas de expansão são aquelas que apresentam as maiores diversidades na atuação dos circuitos, como resultado de um processo de dispersão urbana que atualmente atinge tanto o trabalho quanto o capital, especialmente aquele de natureza imobiliária. Por fim, a realidade atual impõe a consideração da porção insular de Belém, uma vez que nexos de modernização do espaço passam a inseri-la em dinâmicas metropolitanas, embora com particularidades que devem ser destacadas.

O quadro aqui apresentado mostra o desacordo entre as estratégias atuais de planejamento e gestão adotadas em Belém – majoritariamente voltadas ao fortalecimento de sua imagem enquanto metrópole cultural da Amazônia, moderna e conectada a circuitos econômicos mundiais – e a realidade socioespacial que aí se expressa, manifesta na relativa ubiquidade de agentes e atividades do circuito inferior por toda a extensão metropolitana. Daí a importância de práticas alternativas de planejamento e de gestão urbanos, mais sintonizadas com as necessidades, carências, demandas e, sobretudo, com as potencialidades do circuito inferior da economia, que bem poderia ser chamado, para efeitos de planejamento, de circuito alternativo, tal a sua natureza mais cooperativa e menos corporativa.

Em todo caso, não se trata da simples defesa do atual estado de um subsistema econômico que muitos problemas e precariedades enfrenta, mas sobretudo de um convite à reflexão sobre as possibilidades de potencialização das virtudes que apresentam as atividades de feirantes, barqueiros, vendedores ambulantes, batedores artesanais de açaí e outros agentes do circuito inferior, não apenas para a geração de emprego e de renda, reagindo, mesmo que temporariamente, à instalação de filiais de cadeias de lojas globalizadas, como aconteceu com a McDonald's, mas principalmente definem uma metrópole poli-funcional que, sem deixar de ser contemporânea, valorize os seus enraizamentos e ligações socioculturais com as escalas locais e regionais.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Soraya Souza de. **Põe tapioca, põe farinha d'água?** Gastronomia do açaí e identidade socioespacial e cultural na Grande Belém. 2014. 259f. Tese (Doutorado em Ciências – Desenvolvimento Socioambiental) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- ARROYO, María Mónica. **A economia invisível dos pequenos.** São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/a-economia-invisivel-dos-pequenos/>>. Acesso em: 22 jul. 2018.
- BICUDO JR., Edison Claudino. **O circuito superior marginal:** produção de medicamentos e o território brasileiro. 2006. 286f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- FERREIRA, Sandro Brito. **A expansão dos assentamentos residenciais na Ilha do Mosqueiro:** uma particularidade de dispersão urbana no espaço metropolitano de Belém (PA). 2012. 138f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.
- MEDEIROS, Jorge França da Silva. **As feiras livres em Belém (PA):** dimensão geográfica e existência cotidiana. 2010. 118f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.
- MENDES, Luiz Augusto Soares. **Espaços elitizados de moradia e consumo:** a reestruturação urbana da Avenida Augusto Montenegro no quadro das centralidades da Região Metropolitana de Belém. 2014. 210f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- MONTENEGRO, Marina Regitz. A teoria dos circuitos da economia urbana de Milton Santos: de seu surgimento à sua atualização. **Revista Geográfica Venezolana**, Mérida, v. 53, n. 1, p. 147-164, jan./jun. 2012a.
- _____. **Globalização, trabalho e pobreza no Brasil metropolitano:** o circuito inferior

- da economia urbana em São Paulo, Brasília, Fortaleza e Belém. 2012. 291f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012b.
- RODRIGUES, Ágila Flaviana Alves Chaves. **A produção do espaço pelo e para o turismo na Área de Proteção Ambiental da Ilha do Combu (Belém-Pará)**. 2018. 331f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.
- SANTOS, Milton. **Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. A periferia está no polo: o caso de Lima, Peru. In: _____. **Economia espacial: críticas e alternativas**. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: EDUSP, [1979] 2007. p. 75-124.
- _____. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: EDUSP, [1979] 2008.
- _____. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 6. ed. 2. reimpr. São Paulo: EDUSP, [1978] 2012.
- _____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 8. reimpr. São Paulo: EDUSP, [1996] 2014.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, [2001] 2012.
- SILVA, Mauro Emílio Costa. **Paisagem e lugar na Amazônia produzidos pela globalização: uma análise a partir das empresas de fast food nos bairros de Nazaré e Umarizal, Belém-PA**. 2011. 131f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.
- SILVEIRA, María Laura. Território usado: dinâmicas de especialização, dinâmicas de diversidade. **Ciência Geográfica**, Bauru, v. 15, p. 4-12, jan./dez. 2011.
- _____. Metropolização, território e circuito superior marginal. In: FERREIRA, A.; RUA, J.; MATTOS, R. C. (Org.). **O espaço e a metropolização: cotidiano e ação**. Rio de Janeiro: Consequência, 2017. p. 333-353.
- TOZI, Fábio. **Rigidez normativa e flexibilidade tropical: investigando os objetos técnicos no período da globalização**. 2012. 262f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- TRINDADE JR., Saint-Clair Cordeiro da. **Formação metropolitana de Belém (1960-1997)**. Belém: Paka-Tatu, 2016.
- _____. Um “skyline” em mutação: o velho centro e as transformações urbanas em Belém. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 21, n. 1, p. 57-78, jan./abr. 2018.
- VELOSO DOS SANTOS, Tiago. Metropolização regional e suburbanização condominial: aspectos da dinâmica da dispersão urbana na Região Metropolitana de Belém. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 7, n. 1, p. 91-116, 2017. ■